

[BB] A velhice incomoda-te?

[ALA] Não me apetecia acabar num parque a apanhar beatas, com uma pantufa no pé, um sapato no outro e a mastigar a gengiva...

[BB] A morte apavora-te?

[ALA] Não. Até agora, pelo menos. Quando fazia muita Medicina, vi morrer muita gente. E a morte é muito mais tranquila do que os meus fantasmas me diziam.

[BB] Que te diz este nome: Portugal?

[ALA] Para um homem como eu, meio-brasileiro, meio-alemão, é o país onde quase não venho e onde sempre estou.

8. CLARA FERREIRA ALVES

“A vingança de Lobo Antunes”

Expresso/Revista

12 de Abril, 1986, pp. 31-33¹

«Auto dos Danados» acaba de receber o prémio da APE. E «quando se ganha é uma alegria», mesmo que considere que em Portugal não existe crítica literária». Lobo Antunes consagrado continua polémico.

EXPRESSO: Há três anos, quando publicou o **Fado Alexandrino**, parecia-me um escritor desiludido, para quem Portugal era pequeno e o estrangeiro um exílio decente. Ia-se embora para os Estados Unidos ou para o Brasil, e estava farto disto tudo e de toda a gente. Hoje, estou a entrevistar o galardoado com o Prémio da APE. O que é que mudou, entretanto? Você ficou cá... outros hábitos, outra energia, outra atitude?

LOBO ANTUNES: Nada mudou, penso. O estrangeiro está cada vez mais próximo, depende é das condições e talvez ofereça condições melhores.

[EXP] Vai fazer um discurso bem comportado no dia da entrega oficial do Prémio?

[LA] Acho que me tenho portado bem... não sei, talvez não a certos níveis, não tenho sacrificado aos deuses habituais, aos bonzos.

[EXP] Já que falamos de bonzos, houve uma altura em que se ouvia falar de Lobo Antunes e a Kultura puxava logo as pistolas. Hoje,

¹ Nas pp. 33-34 Tereza Coelho comenta a atribuição de Prémios: “Prémios para quê e para quem?”.

você tem muitos amigos no «establishment» literário e até lhe deram um prémio. Será que a crítica, académica ou não, já não o persegue tanto?

[LA] Penso que não existe em Portugal crítica literária. Havia três homens, o Óscar Lopes, o Jacinto do Prado Coelho e o Eduardo Lourenço. Um morreu, e os outros deixaram de fazer crítica literária. Depois, há jornalistas que fazem recensões, que escrevem sobre livros...

JORNALISTAS CULTURAIS OU CULTURALISTAS?

[EXP] Os tão falados jornalistas culturais...

[LA] Não sei se são culturais se culturalistas...

[EXP] Não sei se fazem «body-building»...

[LA] Para mim é muito mais importante uma crítica no «New York Times» ou no «Libération».

[EXP] Uma recensão no «NYT» ou no «Libé» pode ser, e é quase sempre, feita nos mesmos termos em que eu faço uma crítica a um livro seu no EXP/Revista. A única diferença é que nem eu nem você escrevemos em Nova Iorque ou em Paris. Talvez fosse mais «chique» mas estamos em Portugal, você é português, escreve em língua portuguesa, para os portugueses lerem. Essa atitude é snobismo ou é gula?

[LA] Gula o quê? Não percebo.

[EXP] Gula! Raros escritores portugueses chegam às páginas do «NYT», tal como nenhum escritor português, creio, além de si, foi publicado na «Granta»...

[LA] Aonde?

[EXP] Na «Granta». Não sabe o que é? É considerada uma das melhores revistas literárias do mundo...

[LA] Ah, sim, sei! Isso foi uma antologia que eles fizeram com Kundera, a Nadine Gordimer, o Peter Weiss...

[EXP] Nessas coisas você não tem de que se queixar. É por isso que se dá ares de se estar nas tintas para o que os outros escrevem sobre si? Porque é que dá entrevistas?

[LA] Na primeira que dei na minha vida, ao Zé Manel Rodrigues da Silva, disse-lhe que estava mesmo nas tintas para todas as opiniões sobre mim excepto às dos meus amigos. É verdade. Quem é que hoje

lê críticas? Quem é que vai ao cinema por causa de uma crítica? É muito mais importante a opinião das pessoas que eu respeito, do Zé Cardoso Pires, dos escritores que vivem estas coisas por dentro. O Zé Cardoso Pires, a respeito deste livro de que você não gostou – e tem o direito de não gostar – disse-me que era o meu melhor livro, e ele costuma ler os meus livros várias vezes para depois discutir comigo. Isso é importantíssimo.

[EXP] Por serem escritores?

[LA] Sim, embora sejam entre si tão diferentes. São bois que andam a marrar contra a parede, atrás das palavras.

«O ESCRITOR É UM NEURÓTICO»

[EXP] Nos seus livros, naquilo que diz, no que se lê nas entrelinhas, percebe-se que você é um escritor que precisa, desesperadamente, de ser amado pelos outros. Um escritor precisa de ser amado?

[LA] É evidente que sim! O escritor é um neurótico, e escrever é provavelmente a única forma que tem de exprimir os seus afectos, e de neles ser retribuído. É complexo, porque é misturado com uma grande dose de narcisismo.

[EXP] «O escritor é de um extremo egocentrismo, tem o ego dilatado»...

[LA] O quê? O ego?

[EXP] A frase não é minha, é de um escritor que você gosta: John Cheever.

[LA] Coitado, esse morreu bêbado!

[EXP] Grande parte da boa literatura norte-americana foi escrita por gente que morreu bêbada. É mau?

[LA] Sim, é verdade... o Faulkner... eu não sei o que é isso do ego dilatado, é um termo psicanalítico. O facto de gostar do Cheever não quer dizer que goste de tudo o que ele diz.

[EXP] Não estou a pedir-lhe que goste mas que comente.

[LA] Não sei o que é um ego dilatado, sei o que é um fígado dilatado. Quanto ao egocentrismo, quando uma pessoa acaba por ter tão pouco tempo para estar com os amigos, para escrever as suas histórias, isso acaba por nos fechar, por nos tornar tímidos, introvertidos e por vezes até com dificuldade de relação.

«QUANDO SE GANHA É UMA ALEGRIA»

[EXP] Regresso a uma pergunta que ficou sem resposta. Vai fazer um discurso bem comportado quando receber o Prémio?

[LA] Você depois vê.

[EXP] Qual é a sua relação com o Prémio?

[LA] Insólita. Se a gente não ganha fica chateado e eu fiquei de facto muito chateado quando não ganhei com o **Fado Alexandrino**. Quando se ganha, é uma alegria...

[EXP] O que é que lhe dá mais jeito? O prestígio ou os mil contos?

[LA] O prestígio para que é que dá jeito? Ser conhecido nos restaurantes?

[EXP] Você é?

[LA] Ainda não sou o Marco Paulo.

[EXP] Você tem dado sempre a entender que a sua escrita resulta de um acto penoso, trabalhado, de sofrimento. O romance sai-lhe das mãos, é publicado, é criticado, e depois é pesado numa balança por um grupo de pessoas. O livro sujeita-se a andar em bolandas, votos para cá, votos para lá, 4 a 2, 3 a 0, como no futebol. Como é que um escritor sofre estas votações? A intriga de bastidores?

[LA] Em relação ao Prémio, ainda não sei como é que as coisas se passaram, ainda não vi as declarações de voto... mas os livros são feitos para umas pessoas gostarem e outras não. Lembro-me de uma carta do Marx ao Proudhon em que o tipo dizia que o drama é que as ideias dele se tinham muitas vezes confundido com os seus sentimentos. Isto tem a ver com todos nós, estamos ainda muito quentes, muito próximos, para podermos dizer fulano tal é bom, é mau... É arriscado fazer esse tipo de afirmações, de análise objectiva.

[EXP] Arriscado dizer este livro é mau, ou dizer este romancista é mau?

[LA] As duas coisas são arriscadas. E depois, em Portugal, ganhou-se a mania de dizer o melhor dos últimos três anos, o melhor de todos, o dos últimos cem anos, o melhor do ano... Quando se está muito próximo é impossível ajuizar. Há a moda, os gostos.

[EXP] E os seus gostos? Lê os mesmos autores que lia quando era muito novo?

[LA] Continuo a ler os mesmos. O Faulkner, o Céline, os americanos sobretudo. Fitzgerald... o livro que li mais vezes foi **O Som e a Fúria**.

A CONSTRUÇÃO DA PERSONAGEM

[EXP] Já que falamos de Fitzgerald... dá-me a sensação de que você tem tanto cuidado a construir um livro seu como a construir a personagem do escritor António Lobo Antunes. E esta personagem é construída como se ser escritor ainda fosse uma profissão romântica. É verdade?

[LA] E é uma profissão romântica.

[EXP] E o escritor é um herói romântico?

[LA] Talvez um esquizofrénico romântico. Já viu o que é uma pessoa estar fechada numa sala a escrever coisas que as pessoas depois lêem na cama cinco minutos antes de adormecer?

[EXP] Não respondeu à pergunta que vinha de trás.

[LA] Eu não construí nada, acho que sou assim.

[EXP] Mas tem uma pose...

[LA] O que é uma pose?

[EXP] Exemplificando: ao longo dos anos, desde o sucesso de **Memória de Elefante**, você tem-se contradito várias vezes. Contradiz-se em muito, até na sua escrita isso se reflecte. Na acumulação dessas contradições, que para outros seria desastrosa, você conseguiu fazer uma administração sábia e favorável a uma personagem que se expõe. As contradições acabam por fazer sentido, no «puzzle» que você é, encaixam... Basta ler as suas entrevistas, as vezes que você já mudou de opinião!

[LA] Penso que nas entrevistas os entrevistadores tendem mais a representarem-se a eles próprios do que ao outro. Aquilo que você chama a personagem construída sobre o escritor que sou, penso que foi mais dado pelo exterior. Se falar com os meus amigos eles dizem-lhe coisas completamente diferentes.

[EXP] Se não tivesse ganho o Prémio da APE como é que se teria sentido?

[LA] Na mesma.

[EXP] Não se sentiria, antes, como um condenado a quem dão a última refeição?

[LA] A gente tem sempre a esperança de que os próximos livros sejam melhores. Dá-se uma importância excessiva a este Prémio! Há quem deixe de dormir.

[EXP] Você não?

[LA] Não! Não ganhei com **Fado Alexandrino**! Aliás, a sua opinião era contra mim, você achava que os melhores eram a Agustina e o Vergílio Ferreira, lembra-se? Não me interessa falar disso, mas não ganhei e continuei a escrever, o tempo joga a meu favor.

«OS CRÍTICOS CÁ SÃO UNS AMADORES»

[EXP] O seu estilo evoluiu, você maneja melhor os instrumentos, agora. Julgo que **Auto dos Danados**, que você acha que é o seu melhor livro, podia ser de facto o seu melhor livro! Mas não é, porque o autor entra pelo narrador dentro e sendo **Auto dos Danados** um romance a várias vozes, o que exige uma técnica difícilíssima, é aí que você se espalha. Ao entrar por todos aqueles narradores dentro, o António Lobo Antunes repassa a personagem para o narrador, e não controla a sua divagação, em prejuízo da acção. O autor perturba a narração.

[LA] Penso que não. Foi um livro muito policiado, mas é inevitável que o autor não passe...

[EXP] As suas personagens, como é que aparecem? Como é que as constrói?

[LA] Está a perguntar como trabalho? Faço um plano detalhado com os capítulos todos, as personagens todas. Uma espécie de mapa do que vai acontecendo nos diversos capítulos.

[EXP] O livro começa por uma ideia, uma frase, um título?

[LA] Depende. A primeira frase é sempre a mais difícil. Às vezes demora muito tempo. Este livro demorou-me um ano dentro da tola, a **Explicação dos Pássaros** veio-me de repente.

[EXP] Já experimentou reler-se, ver o que escreveu atrás?

[LA] Nunca, sequer, reví provas dos meus livros, nisso sou um autor cómodo. Depois de acabar os livros não os quero voltar a ver ou a ler.

[EXP] Mas se alguém em quem você confiasse, ou então os editores portugueses fizessem o que fazem os americanos ingleses, o «editing», e lhe mandassem[,] por exemplo, o **Fado Alexandrino**, para trás a dizer que tinha cem páginas a mais, o que faria?

[LA] A questão é académica, mas o Zé Cardoso Pires, que leu três vezes o **Fado Alexandrino**, disse que nas mãos dele ficaria com menos 50 páginas. Mas a gente depois já não está em estado de emendar,

está noutra onda. Aliás, isto tem a ver com aquela frase do Jorge de Sena que respeito, mas não admiro particularmente como escritor. A frase era de um prefácio, em que ele pedia aos críticos que distinguissem as razões porque não gostavam dele das razões porque não gostavam de um livro dele. Até que ponto essas coisas não se misturam?

[EXP] A crítica literária em Portugal tem dois vícios: as ternas cumplicidades ou o nacional-porreirismo, e a falta de coragem. Já vi muito boa gente que escreve sobre livros dizer alto, e em particular, que tal romance é péssimo e escrever que ele é assim assim ou que é bom. Há especialistas nessas habilidades, têm medo dos autores. E sobretudo dos que têm mau feitio; ou então não se querem incompatibilizar. Não acha isto mais grave do que escrever a verdade, mesmo que ela lhe doa a si, como escritor?

[LA] Não tenho essa experiência, não escrevo em jornais e não conheço toda a gente que escreve em jornais. Mas admito que isso é uma mentalidade portuguesa, que lá fora não existe. E os críticos cá são uns amadores.

[EXP] Então a única crítica é a académica? Ou só os americanos é que sabem fazer críticas?

[LA] Ah! Ah! Bom, amadores são, forçosamente... bem, eu nunca respondi a nenhuma crítica e tenho sido crucificado de várias maneiras.

[EXP] Não reage?

[LA] Não.

[EXP] Em público não, mas em privado...

[LA] É raro! Eu quase nunca leio as críticas, o seu jornal eu não compro, não leio praticamente jornais a não ser «A Bola».

[EXP] E o «New York Times»...

[LA] Não me faça mais pedante do que eu sou!

[EXP] É quanto?

[LA] Como você.

[EXP] Pode ser uma boa resposta mas não quer dizer nada.

[LA] Eu não quero dizer nada, provavelmente temos todos uma dose de snobismo, de pedant[e]ria, e pensamos que somos todos detentores da verdade.

AS FUNÇÕES DELETÉRIAS DOS PRÉMIOS

[EXP] Acha que o júri da APE, na sua decisão, é detentor da verdade?

[LA] Não faço a menor ideia.

[EXP] Leu algum dos outros romances mais falados do concurso?

[LA] Li o do António (Alçada Baptista). Os outros são escritores que não me interessam. E depois todos os prémios têm funções deletérias, criam invejas, inimizades...

[EXP] Já as sentiu? Você fala do seu grupo de amigos como de um conjunto tão sólido que não acredito que o Prémio da APE o ataque... ou não?

[LA] Acho que os meus amigos ficaram mais satisfeitos do que eu. o Zé, o Urbano, o João de Melo ficaram tão contentes. De qualquer modo, o Prémio significa para mim uma espécie de viragem, sempre pensei que ele era dado por idades.

[EXP] E que não era dado a tipos com a mania de se portarem como um «enfant terrible»...

[LA] É a sua opinião, nunca fui «enfant terrible»!

[EXP] Outra contradição! Foi imenso, e não sou só eu quem pensa isso.

[LA] Então junte-se com os seus amigos e faça um coro!

[EXP] Nunca lhe falei nos meus amigos e não cantamos em coro – e muito menos sobre si, as suas qualidades ou defeitos! Há opiniões comuns.

[LA] Com a música da Mocidade Portuguesa talvez não lhes ficasse mal!

[EXP] Estamos a falar de livros e de escritores, parece-me, e quanto a isso tenho por hábito ler sozinho[a] e não em grupo. Também não vou em análises de grupo. Voltando ao Prémio, que tal a palavra consagração?

[LA] Não faço parte do Patriarcado, e consagração tem uma conotação religiosa que me desagrada muito.

[EXP] O que é isso das idades? Quer dizer: já despacharam a Agustina, o Saramago, o Vergílio, os mais velhos...

[LA] O Vergílio – o seu querido – não!

[EXP] Falei em escritores que estiveram na última fase do concurso, não nos que ganharam. O Saramago não ganhou. Será que você

pensa que vão começar a dar prémios aos da sua geração, porque dantes só davam aos outros?

[LA] A minha geração é a da guerra, da abertura, da mudança, passámos por muitas experiências diferentes.

[EXP] Se não fosse a guerra teria sido escritor?

[LA] Não sei, não sei... eu fazia redacções desde criança, naqueles cadernos pretos das mães fazerem as contas, lembra-se? Rapinava-os à minha mãe para escrever neles. Inventava histórias com jogadores de boxe, ou corredores de automóveis, coisas assim...

[EXP] Heróis?

[LA] Sim, claro, nessa altura!

O ESCRITOR E AS RAÍZES

[EXP] Qual o primeiro livro que leu e nunca mais esqueceu?

[LA] Aos doze ou treze anos, os **Contos** de Oscar Wilde impressionaram-me muito. O **Happy Prince**. E poesia, sobretudo poesia, nessa altura. O meu pai gostava muito de poesia e tínhamos muitas coisas. Éramos seis irmãos, apanhávamos papeiras por atacado, e o meu pai sentava-me na cama e lia-nos coisas de que ele gosta. Camilo, Pessanha, o Antero, alemães...

[EXP] Você é médico, psiquiatra. Continua a exercer.

[LA] Cada vez sou menos isso. Penso que se for para Berlim acabou de vez.

[EXP] Vai para Berlim?

[LA] Vou, tenho um convite muito bom para ir escrever. E de qualquer forma vou pedir a reforma do hospital, porque com os anos da tropa, os concursos, cheguei relativamente depressa a uma posição na hierarquia...

[EXP] Quem, ou o quê, o convidou a ir para Berlim escrever?

[LA] Todos os anos há um concurso assim para compositores, escritores e não sei quê, não sei bem se são uma espécie de bolsas, agora é que vou informar-me quando for lá. São dois anos, prorrogáveis.

[EXP] Já da última vez que falámos você ia para o Brasil, ou os Estados Unidos, estava de partida para qualquer lado.

[LA] Repito-me, sou muito repetitivo. E aqui não tenho muitas raízes.

[EXP] Como é que não tem raízes se os seus romances são profundamente enraizados na realidade portuguesa?

[LA] É como dizia o Churchill[1], ele afirmava que era 50 por cento americano e 100 por cento inglês. A minha família vem do Brasil e a que não vem, vem da Alemanha. Embora eu goste muito de Lisboa. Esta última vez, na Alemanha Oriental, tive umas saudades loucas de Lisboa.

[EXP] Está sempre a falar dos amigos, etc. Já se imaginou a viver em Berlim, que é uma cidade fria, em todos os sentidos...?

[LA] Isso não vai ser fácil, mas viver em Portugal é fácil? Às vezes parece-me tudo a Póvoa de Santo Adrião, sabe?

«O BAIRRO ALTO ESTÁ CHEIO DE ARTISTAS»

[EXP] Você faz-me lembrar a anedota do barbeiro que todos os dias punha um letreiro na montra a dizer: «Amanhã, barba e cabelo de graça». E as pessoas iam lá, mas era sempre amanhã... Nunca chegava a ser. Você, mesmo a falar, parece que está parado, em cima do cais, a olhar para longe, à espera de partir ou de que chegue qualquer coisa. E aquele livro de que me falou e que se ia chamar **O Regresso das Caravelas**?

[LA] Será o próximo. Tenho andado a rasgar o resto do que escrevo. É um livro sobre retornados e eu não sou propriamente um retornado.

[EXP] Você não é propriamente um psiquiatra, não é propriamente um português, não é propriamente um retornado. É propriamente o quê? Um escritor?

[LA] Um escritor? O que é um escritor? o Hokusai aos 80 anos disse: «Se Deus me tivesse dado mais cinco anos de vida tinha-me tornado um escritor». Gostava de usar uma frase do Gide em que ele considerava que em França há mais artistas do que obras de arte e isto aqui é assim... o Bairro Alto está cheio de artistas, os bares estão cheios de artistas, os restaurantes também. Montes de artistas, somos bestiais, mas não há obras de arte, de facto.

[EXP] Já está a escrever outro romance, e havia aquele que teria como título **Chamam o sr. Buñel ao Telefone**. O que é que lhe aconteceu? Como é que gera tantos romances na sua cabeça ao mesmo tempo?

[LA] A gestação é lenta, uma pessoa pega numa história e depois está uma data de dias a ver se é capaz de escrever.

[EXP] Como é que se sente, durante esse tempo?

[LA] Ando à procura, escrevo, rasgo.

[EXP] Escreve todos os dias? Como, com que rituais? À noite ou de manhã?

[LA] Escrevo quase todos os dias, quando posso, à noite. faço uma primeira versão, que escrevo em blocos, na cama, sentado no chão. Sempre à noite porque não acho fascinante levantar-me cedo. Fico até às tantas.

[EXP] Diga-me um poeta português de que goste, dos actuais.

[LA] Há um homem que morreu há pouco tempo e que está injustamente esquecido e que acho um grande poeta, o Santos Barros. Gostava muito dele, como poeta e como pessoa. Posso admirar as pessoas mas é raro ter respeito por elas, por ele tinha. E há um outro homem que merecia ter a obra divulgada, como poeta, que é o Fernando Assis Pacheco. E, outro insuficientemente conhecido e de que gosto muito, o João Miguel Fernandes Jorge.

A CRÍTICA E A AFECTIVIDADE

[EXP] Quando lê um romance de um amigo seu, do Cardoso Pires, ou da Lídia Jorge, consegue fazer a destrição entre a opinião afectiva e a técnica?

[LA] É afectiva, como a sua. Quando você escreveu sobre este livro, era extremamente afectiva². É isso que torna a crítica, aqui, o contrário do que o Borges dizia. Afirmava mais ou menos que se não tem nada que declarar se o livro é bom ou mau, mas tem que se tentar, tentar... bom, é a opinião dele, que é diferente de mim e até nem é escritor que aprecie muito. Deve-se desmontar o mecanismo do livro e torná-lo mais compreensível para o leitor, em vez de emitir juízos de valor.

[EXP] Toda a crítica é afectiva, é outra coisa. E está-se sempre a fazer juízos de valor, não tem nada a ver uma coisa com a outra. Falou em desmontagem. O que pensa de Barthes, por exemplo?

² Clara Ferreira Alves, "Lobo Antunes e os sete pecados mortais", in *Expresso/Revista*, 23 de Novembro, 1985, p. 58. Ver, a propósito, Introdução, p. xxii.

[LA] O mesmo que o Ionesco: a linguística leva ao crime.

[EXP] E quem mata quem?

[LA] Matam-se todos uns aos outros, devoram-se. Quanto à afectividade, bom, eu sei muito bem que você não gosta do que eu escrevo, e gosta do que o Vergílio escreve. Leu a dedicatória do livro que lhe mandei? Dizia que você era definitiva e completamente peremptória.

[EXP] Eu não gosto de tudo o que o Vergílio Ferreira escreveu e não detesto tudo o que você escreveu. Há coisas suas de que gosto, coisas dentro de livros. Frases, até, de que gosto muito. Quanto a ser definitiva e peremptória, você também é. Basta ouvi-lo falar dos seus amigos!

[LA] Mas aí sou eu a sê-lo! (risos). E você tem direito a sê-lo, quando for mais crescida vai sê-lo menos...

[EXP] Você também, quando crescer. Da última vez que falámos, de há três anos até hoje, você fartou-se de crescer. Tem muito mais cautelas, já não diz tantas «boutades», já não diz mal dos outros como dizia. Aliás, era bastante divertido.

[LA] Eu não estou mais cauteloso, mas há coisas de que já não vale a pena falar. Nessa altura perdi muito tempo a combatê-las. Batalha vã. Por exemplo, vocês, jornalistas literários, têm um gosto completamente «kitsch», eu acho.

[EXP] Exemplifique...

[LA] Sei lá, determinados escritores.

[EXP] Kundera?

[LA] Sim, por exemplo[.] Não me entusiasma, é romance cor-de-rosa. Como aquele outro de que você gosta, o Heller, também não me entusiasma...

[EXP] Só leu o **Catch-22**. Mas é estranho, porque pensei que o seu sentido de humor encaixaria no do Heller. Mas, onde é que está hoje o seu sentido de humor? **Auto dos Danados** está cheio de ódio...

OS RICOS E OS POBRES

[LA] Por quem?

[EXP] Você é que sabe. Os burgueses, por exemplo, hoje já ninguém fala em burgueses.

[LA] Nem eu. Burguês em que sentido, flaubertiano?

[EXP] No sentido em que você emprega a palavra em **Explicação dos Pássaros**. Hoje você fala em ricos e pobres...

[LA] Esses existem, de facto. Mais pobres que ricos...

[EXP] Alguém disse uma vez que nos romances da Agustina não havia amor. Em **Auto dos Danados** não há nem sequer ternura, uma personagem cativante. Qual a sua relação com as suas personagens? Parece-me que é a mesma que elas estabelecem entre si: ódio.

[LA] Não sei se nos romances da Agustina não há amor, mas ela demonstrou um grande amor pelo dr. Freitas do Amaral, é a prova de que a senhora tem amor. No meu livro, não sei, penso que gosto daquele tipo que é uma espécie de toiro de cobrição da família toda. E daquele miúdo que tem uma relação com uma mulher muito mais velha do que ele...

[EXP] É o único onde há um afloramento de ternura. Onde é que foi buscar aquela gente, donde é que a inventou?

[LA] Do seu nariz, da minha boca, os olhos dele (aponta o fotógrafo, Luís Ramos). São bocados apanhados aqui e acolá, como toda a gente faz. A gente não inventa nada.

[EXP] Eu não sei como é que toda a gente faz, quero saber como você faz! Diga-me!

[LA] Você, à força de falar com génios, deve saber como é que fazem (risos). Tenho uma atitude humilde, a gente faz uma espécie de «patchwork», de bocadinhos de pessoas. Ali o que é real é Monsaraz, é a festa.

[EXP] A palavra génio existe, não está proibida a aplicações. Porque não utilizá-la, como a todas as outras?

[LA] Se calhar somos todos génios. No outro dia estava a falar com um doente que me disse: «Oh, sr. dr., estive a falar com um médico que tinha uma voz de sabonete embrulhado em papel furta-cores». Isto não é uma frase de génio? E tenho mais um outro que me disse: «Sabe, o mundo começou a ser feito por detrás...»

[EXP] Um doente disse-lhe isso? Você rouba frases aos seus doentes para os seus livros?

[LA] Não sei. Tenho bastante dificuldade em utilizar a palavra em alguém. É como a palavra escritor, tem tanto peso! Não sei o que é um escritor...

PROFISSÃO: ESTAR VIVO

[EXP] Daqui a pouco só sabe que nada sabe, como o Sócrates. Vamos ter que arranjar cicuta. Qual é a sua profissão?

[LA] Estar vivo!

[EXP] Já ninguém diz essas coisas, dizia-se nos anos 60.

[LA] Se se dizia nos anos 60 estou tão «kitsch» como vocês, estamos perfeitamente na mesma onda...

[EXP] Estamos? Eu não sou dos anos 60. O que é o «kitsch»?

[LA] É o bar Procópio em Literatura, aquele bar das Amoreiras, cheio de anjinhos...

[EXP] Anos 60. Sente-se parte de uma geração? Uma vez disse que não participara nas lutas associativas de 61, porque não lhe tinham cheirado a Chanel.

[LA] Passei a vida universitária a jogar xadrez. Senti-me parte de uma geração em África, na guerra. Parte de um grupo. Até aí estava isolado. O Maio de 68 passou por mim como água por um pato. Pergunto-me se não seria mais uma adesão romântica, intelectual, do que real... e depois tive uma família muito tribal, que pesou muito na minha educação. Vivia numa quinta, em Benfica.

[EXP] Educação católica tradicional?

[LA] Fui menino de coro. Fiz tudo, até deixar de ir à missa. Fui educado num ambiente concentracionário, fechado. Que se repetia em África, mas em África havia a solidariedade da morte.

[EXP] Conte-me um episódio de criança...

[LA] Escrevia e no alto da página punha **Obras Completas de António Lobo Antunes** e depois inventava títulos. E escrevia poemas ao Cristo, porque os vendia à minha avó que me dava umas massas. Sonetos, que eram a minha especialidade. Era magnífico no soneto.

[EXP] Infância feliz, livros autobiográficos, invenção a partir da **Explicação dos Pássaros. Auto dos Danados** está cheio de ódio. Inventado?

«NÃO SEI O QUE É O ÓDIO»

[LA] Não sei o que é o ódio. Ou gosto das pessoas ou não existem para mim, não quero saber. Não sou capaz de odiar. Fala do ódio do **Auto**, bem, o meu sonho foi sempre escrever um livro como o

Hitchcock fazia nos filmes. Quero que as pessoas saíssem deles de gatas. O próximo não vai ser tão insuportável, no ambiente. Estes parecem filhos do Faulkner...

[EXP] O próximo. Preocupa-o envelhecer como escritor?

[LA] Tenho mais dez anos à minha frente.

[EXP] Escreve à mão?

[LA] Sim, à mão, é artesanal como um bordado. É como se estivesse a bordar, como o rei Gustavo Adolfo da Suécia, no seu castelo.

às vezes dava aulas sobre coisas que tinha comprado na Feira da Ladra. Completamente fascinante. Era professor de Clínica Cirúrgica, a cadeira de cúpula da faculdade no que diz respeito à cirurgia. Mas havia outros professores de cirurgia cultíssimos, Abel de Morais, Celestino da Costa. Lembro-me de um professor de dermatologia dizer que não se podia ser bom médico se não se tivesse lido o Kafka e outros grandes escritores. Penso que provavelmente isso se terá perdido hoje na faculdade.

[P] Fala do passado sempre com muita nostalgia, como se fossem valores que se perderam, como se não houvesse outros valores, como se hoje existisse um vazio.

[R] O Ortega y Gasset dizia que a arte é a infância fermentada. De facto vivo no presente, com a idade que tenho agora, nas circunstâncias de agora, seria profundamente ridículo eu refugiar-me num passado que já não existe. No entanto, ele serve para eu dominar o presente. Penso que o Fernando Pessoa tem razão num ensaio curioso em que diz que nós, portugueses, temos duas caras, uma constantemente voltada para o passado e outra para o futuro. Não gosto do Fernando Pessoa nem do pensamento dele, nem sequer da poesia dele, acho que ele é o Tomás Ribeiro deste século, todos os séculos se tenta arranjar um poeta melhor do que o Camões. Acho que ele é um bom poeta mas não é um poeta extraordinário.

[P] E acha que há algum poeta extraordinário?

[R] Camões. Foi ele que inventou o português moderno. A sensualidade do português de Camões, a espantosa modernidade da poesia dele... Camões, Bocage, Bernardim... são poetas de que eu gosto muito. Custa-me conceber um poeta que nunca tenha feito amor. E às vezes quando leio certos prosadores portugueses, não têm esperma nenhum lá dentro, são tudo coisas que se passam dentro da cabeça. Pensam muito. E a literatura faz-se com palavras. É uma literatura que se pretende intelectual e eu não gosto dos intelectuais.

16. LUÍS ALMEIDA MARTINS,

*“António Lobo Antunes:
«Quis escrever um romance policial»”*

Jornal de Letras, Artes & Ideias
27 de Outubro, 1992, pp. 8-11

Provocador, excessivo, blasé, poseur, com uma pitada de loucura – diga-se dele o que se disser, em português ou noutra língua, que nem por isso António Lobo Antunes deixa de ser um dos nossos escritores mais traduzidos, com maior projecção internacional e, à partida, com fortes probabilidades de vir a ganhar o Nobel, ou não se chamasse o seu novo romance, a lançar amanhã, «A Ordem Natural das Coisas»...

António Lobo Antunes lança amanhã, quarta-feira, o seu novo romance, «A Ordem Natural das Coisas» (Publicações Dom Quixote). O nono, no ano em que perfaz 50 anos. Uma das vozes mais representativas da actual literatura portuguesa, Lobo Antunes é um dos nossos escritores mais traduzidos e, com José Saramago e José Cardoso Pires, um dos de maior projecção internacional, liderando as edições nos países anglo-saxónicos e nórdicos. A sua cotação na Suécia, por exemplo (onde a sua obra está editada na totalidade), coloca-o numa boa posição do *ranking* português para o Nobel.

Começou a publicar um tanto tardiamente, aos 37 anos. Nesse ano de 1979 foram dados à estampa os romances «Memória de Elefante» e «Os Cus de Judas», a que se seguiram [«Conhecimento do Inferno» (1980), «Explicação dos Pássaros» (1981)], «Fado Alexandrino» (1983), «Auto dos Danados» (1985), «As Naus» (1988), «Tratado das Paixões da Alma» (1990) e, agora, «A Ordem Natural das Coisas».

Lobo Antunes é um escritor controverso. Com uma formação médica e uma especialização em Psiquiatria, assume-se de algum modo como um *outsider* em relação aos circuitos «normais» de promoção das obras literárias. Inicialmente primava pela truculência, produzindo declarações públicas «bombásticas», características que tem vindo a refrear na proporção directa da obtenção do êxito e do reconhecimento.

Presentemente, trabalha no seu ofício de ficcionista de manhã à noite. Após dois divórcios, vive sozinho num pequeno apartamento da Avenida Afonso III, com vista para o mar da Palha, despojado de bens materiais e rodeado de poucos livros – sempre os mesmos, que relê até à exaustão: Faulkner, Gogol, Tolstoi, Truman Capote, Thomas Mann, Flaubert, Zola, Céline, Camões, poucos mais. Ficção portuguesa contemporânea, praticamente não lê, embora se compraza na descoberta de novos valores. Sai para almoçar e para jantar em breves pausas do seu labor programado. Fala muito nas filhas, com quem passa os fins-de-semana. Está mais sereno do que noutros tempos, assumindo o seu isolamento como uma bóia de salvação.

Quase todos os dias pousa a caneta para contactar telefonicamente com José Cardoso Pires. Depois retoma-a e volta a desenhar letras na sua caligrafia redonda.

«A Ordem Natural das Coisas» é, provavelmente, o seu melhor romance. Complexo, polifónico, põe em evidência as várias faces de uma realidade em forma de trama que se desenvolve mais para os lados do que para a frente. É, também, o romance de um romance.

[JORNAL DE LETRAS] O seu novo romance, «A Ordem Natural das Coisas», está agora a chegar às mãos do público. Parece-me mais próximo dos primeiros – intimista, cheio de reminiscências – do que os mais recentes. Estarei a ver bem?...

[ANTÓNIO LOBO ANTUNES] Sob este ponto de vista nunca tinha imaginado. Os primeiros são muito mais lineares. Este é um livro muito mais polifónico, com muitas vozes; portanto, tecnicamente estará muito longe dos outros. Penso que o livro pertence a um ciclo que acabará com o próximo (e que já abrangia o «Tratado das Paixões da Alma») e que quase se poderia chamar «Ciclo de Benfica», porque o cenário é sobretudo centrado na Benfica da minha infância.

[JL] Referia-me ao lastro de reminiscências, de recor[d]ações.

[ALA] Mas não [] [e]xiste nele nada de autobiográfico. Agora, é evidente que não invento nada. Os cenários das casas são reais, parte

das personagens, depois de transformadas, são pessoas que eu conhecia. Mas não há nenhum romance que e[u] tenha escrito em que a coisa não se passe mais ou menos assim. Penso que este romance vem na linha dos outros todos, ao fim e ao cabo, apesar de haver três fases diferentes.

[JL] Que três fases?

[ALA] Os primeiros eram nitidamente autobiográficos. Na fase seguinte, a personagem é o País. A actual é o tal «Ciclo de Benfica».

[JL] Penso que este é o mais bem construído de todos.

[ALA] Eu também penso que sim, embora a partir do «Conhecimento do Inferno» tenha começado a ensaiar este tipo de técnica, que depois tenho vindo a tentar aperfeiçoar. Ao princípio não havia a substituição dos diálogos pelos monólogos sobrepostos, que tem que ver com a dificuldade que há de se fazer diálogo em português.

[JL] Evita o mais possível o diálogo.

[ALA] É, mas no «Tratado das Paixões da Alma» a acção é feita outra vez à base do diálogo. Neste último, há sempre o interlocutor subjacente – a personagem fala para alguém.

[JL] Nesse sentido, todo o livro é um diálogo.

[ALA] Ou dez diálogos. No fundo, é uma história quase policial. Toda ela é inventada por uma mulher que vive sozinha. Só no fim é que o leitor se apercebe disso. Eu nunca tinha experimentado fazer um livro desta forma.

[JL] É o römance de um romance? Um jogo sobre a escrita?

[ALA] Jogo, não. Trata-se de uma mulher que está a morrer no meio de uma grande solidão e que povoa a sua agonia destes fantasmas todos, que são as diversas personagens que ela adapta, transforma, muda, de maneira a conjurar a angústia da aproximação da morte (e o livro acaba com a morte dela). É a dissolução de um cérebro. No final, a morte é também entendida como uma espécie de nascimento: em vez de falar da agonia dela, evoca o nascimento da filha.

[JL] Quando falei de «romance de um romance» referia-me à dissecação do processo criativo, que neste caso era como que uma espécie de catarse para essa mulher.

[ALA] Também, embora quase todas aquelas histórias sejam reais. É evidente que há sempre um elemento transfigurador quando a gente está a trabalhar. Se não parto sempre de qualquer coisa que seja real[,] se não encontro verosimilhança, não sou capa[z] de escrever

uma história. Não consigo tirar totalmente uma história da cabeça, sem casas que eu conheço, pessoas que eu conheço...

[JL] Tudo o que escreve tem muito a ver consigo. [I]sto é válido para qualquer escritor, mas no seu caso parece-me ainda mais patente.

[ALA] Às vezes são coisas inventadas a [pa]rtir do que se ouve, do que se [v]ê. Por vezes entretemo-nos a escrever uma história acerca de uma pessoa que acabámos de conhecer. Mas é verdade, sim, que isso se passa com todos os escritores. Não [d]eve haver grande diferença de funcionamento. Há, sim, é diferenças de qualidade quando o livro está acabado.

[JL] Gosta deste livro tal como ele ficou? Perguntando de outro modo: será o melhor dos que escreveu?

[ALA] Eu penso que é o melhor, mas não sei se é aquele de que eu gosto mais. As razões por que se gosta dos livros são muito variáveis. De uns gosta-se deles em si, de outros gosta-se por razões mais afectivas, de outros ainda pela forma como foram recebidos pelas pessoas. Embora de uma forma diferente, acaba-se por gostar de todos, senão não os publicávamos.

A GÉNESE DO ROMANCE

[JL] O Lobo Antunes escreve ininterruptamente...

[ALA] Sempre, sempre, ininterruptamente

[JL] Esse ritmo de trabalho corresponde decerto a uma necessidade interior. Mas vamos trocar isso por miúdos...

[ALA] Porque é que eu escrevo assim? Porque acho que é preciso trabalhar muito[.] Acabo um livro e só passados meses é que consigo começar a trabalhar noutra, mas normalmente ao fim de quinze dias recomeço a escrever, nem que seja para fazer *pastiches*[.] escrever «à maneira de...»

[JL] De quem?

[ALA] Dos escritores de quem eu gosto: Flaubert, Faulkner, etc. Eu penso que isso ajuda muito a fazer a m[ã]o. Até aparecer o romance novo, até fazer o plano, penso que é importante continuar sempre a escrever.

[JL] Quando começa a escrever um romance novo já tem o plano completamente delineado?

[ALA] Já tenho o plano escrito.

[JL] Faz aquilo a que em guionismo se chama uma sinopse?

[ALA] Sim, mais ou menos sim. Para alguns, mais detalhada. Por exemplo, o «Fado Alexandrino» tinha um plano detalhadíssimo, até ao mínimo pormenor de cada capítulo. Mas, normalmente, um plano é uma folha assim grande e está lá tudo escrito. Às vezes mudo coisas. Estou a lembrar-me desse capítulo da morte da mulher: andei uma data de tempo à roda dele, a fazer versões, até que de repente descobri que tinha de ser escrito assim e foi o capítulo que escrevi mais depressa – para aí em meia hora. Mas é muito raro acontecer uma dádiva destas. Eu escrevo muito devagar, com muitas emendas. É tudo muito penosamente conquistado.

[JL] Sempre à mão?

[ALA] Sempre à mão. Depois dou a passar e volto ainda a emendar. Por exemplo, este livro inicialmente tinha mais do dobro do tamanho com que ficou. Acabam sempre por ficar muito mais pequenos. Com o «Fado Alexandrino» lembro-me que estava no último capítulo e atirei o livro fora para recomeçar tudo de novo. E era um livro com cerca de setecentas páginas. Deu-me um trabalhão enorme!

[JL] É muito exigente consigo próprio?

[ALA] Não é só uma questão de exigência. É que é preciso fazermos as vezes que forem precisas até ficarmos satisfeitos. Este livro, por exemplo, tem três capítulos que não me satisfazem: o livro está feito, mas continuo a não gostar deles. Comigo, o processo é muito lento. O meu ideal era conseguir publicar um livro por ano, mas é impossível, não consigo. Mesmo trabalhando dez, doze, catorze horas por dia, não consigo...

A ESCRITA COMO NECESSIDADE

[JL] Há uma coisa de que já falámos noutra entrevista publicada¹ mas que não fica mal aqui outra vez: porque é que só começou a publicar livros relativamente tarde, aos 37 anos?

[ALA] Tarde e por acaso. Comecei a publicar por acaso. Nunca me tinha passado antes pela ideia publicar um livro.

[JL] Mas ia escrevendo.

¹ Ver entrevista 12.

[ALA] Escrevia os romances e atirava-os para o lixo. Nessa alt[u]ra, em 78, um amigo meu, o Daniel Sampaio, encontrou um molho de papéis e perguntou: «O que é isto? – É uma coisa que eu escrevi». Ele leu e levou a uma editora – foi a Bertrand, na altura – que recusou. Depois o livro andou por aí em bolandas[.] Foi sempre ele que fez tudo. Acabou por sair na Vega. De tal forma que quando o livro saiu já o outro a seguir estava quase pronto. Foi uma espécie de bola de neve. Houve aquele sucesso muito grande do primeiro e os outros seguiram-se. O primeiro não tinha aquele título com que acabou por sair. «Memória de Elefante» era o tí[t]ulo do [s]egundo, que depois veio a chamar-se «Os Cus de Judas». Como acharam que o título era muito comprido e [n]ão [e]ra comercial, o título do [s]egundo foi para o primeiro. Saíram com quatro ou cinco meses de intervalo. O livro saiu no Verão porque era de um autor desconhecido, com uma tiragem pequena, etc. Mas foi muito bem recebido e criou o tal efeito de bola de neve.

[JL] Antes de começar a publicar escreveria, portanto[,] por necessidade absoluta.

[ALA] Era. [D]eixei publicar a «Memória de Elefante» porque achei que era o primeiro livro onde eu tinha encontrado uma maneira pessoal, ou mais ou menos pessoal, de dizer as coisas. Até então nunca me interessou publicar. Estive sete ou oito anos a escrever livros e na maior parte foram destruídos. Periodicamente queimava ou rasgava tudo.

[JL] Então só começou a publicar quando sentiu que tinha encontrado a sua voz pessoal e tanto quanto possível definitiva.

[ALA] Sim, sem dúvida, embora ela tenha vindo a modificar-se, a enriquecer-se, no fundo. O primeiro livro é um livro cheio de ingenuidade, sempre com o controlo do tempo... Nessa altura eu defendia muito a situação da acção num espaço de tempo muito determinado e muito curto, o que me permitia uma maior facilidade de escrita. Agora começo a andar para a frente e para trás no tempo... A «Memória de Elefante» passa-se em vinte e quatro horas, «Os Cus de Judas» numa noite, [o] «Conhecimento do Inferno» era uma viagem do Algarve para Lisboa, [a] «Explicação dos Pássaros» eram quatro dias, o «Fado Alexandrino» era uma noite, o «Auto dos Danados» eram quatro dias... Bom, a partir de «As Naus» é que deixei de ter esse problema.

[JL] «As Naus», pelo seu carácter eminentemente simbólico e literalmente fantástico foge à tónica da sua obra.

[ALA] Eu penso como um brasileiro que escreveu sobre esse livro e que dizia que ele encerra a segunda fase, a que ele chamava «epopaica», ou coisa assim. Esse brasileiro interrogava-se: o que é que [s]e vai escrever a seguir a este livro? Mas era o fecho natural dessa fase que começa com a «Explicação dos Pássaros» e inclui o «Fado Alexandrino» e o «Auto dos Danados», encontrando a cúpula em «As Naus».

[JL] É a tal fase cujo protagonista é o próprio Portugal.

[ALA] É o País. Embora isso se passe com quase todos. E o «Tratado das Paixões da Alma» abre esta nova fase que continua com «A Ordem Natural das Coisas» e acabará com o próximo, de que só poderei dizer o tí[t]ulo depois de estar registado, para não voltar a acontecer uma surpresa desagradável.

[JL] Refere-se ao caso de «As Naus», cujo título anunciado era «O Regresso das Caravelas», título este que não pôde utilizar por já ter sido alegadamente registado por outra pessoa, concretamente Vitorio Kali. Agora que falamos disso: o livro do outro autor nunca chegou a aparecer...

[ALA] Nem se[i] se era um autor. Mas «As Naus» continua a ser traduzido nos outros países com o título «O Regresso das Caravelas», porque aí o *copyright* não funciona em relação ao título. O título é meu a partir do momento em que eles o publicaram. Meu ou da editora.

PARENTESCOS LITERÁRIOS

[JL] O António Lobo Antunes é um dos escritores portugueses com maior projecção internacional. O primeiro ou segundo? À frente ou atrás do José Saramago, em termos de traduções em línguas estrangeiras?

[ALA] Mais que o Saramago, sem dúvida nenhuma.

[JL] Com mais edições?!...

[ALA] Mais edições e mais países. Eu duvido que algum outro escritor tenha a obra toda vendida para países como França, Inglaterra, Estados Unidos, Alemanha, e em editoras como Bourgois, como a Grove [e] por aí fora... E na Suécia. Quem é que tem a obra toda vendida para estes países todos? Penso que não há. Eu nunca fiz foi promoção. Eu

acho um bocado provinciano uma obra ser traduzida num país qualquer e mandar logo a notícia e as críticas para os jornais.

[JL] O Lobo Antunes coloca-se um bocado à margem dos próprios meios jornalísticos. Vive um bocado isolado.

[ALA] Eu dou-me com pessoas e com poucos escritores. Até porque não há tempo quando se está a trabalhar, às vezes nem para os amigos. E não sei se existem muitos *mentideros*, ou muita má-língua, ou muita inveja, ou muito ciúme. Estou um bocado fora disso. O único escritor com quem eu me dou muito é com[] o José Cardoso Pires, falamos quase diariamente ao telefone. Depois há outras pessoas com quem me dou: também me dou com o João de Melo. Há outros escritores que eu admiro muito e que respeito, sobretudo poetas. Agora, mandar as críticas de lá de fora para os jornais, ou os prémios que se ganham no estrangeiro, é tudo tão português! Acho que é uma questão de pudor, também.

[JL] Admira e respeita sobretudo poetas. Porquê poetas?

[ALA] Em primeiro lugar, temos mais poetas do que prosadores. temos melhores poetas do que prosadores, também do meu ponto de vista. É fácil enumerar cinco ou seis excelentes poetas vivos e não é fácil enumerar cinco ou seis excelentes prosadores vivos.

[JL] Quer tentar enumerá-los.

[ALA] É sempre aborrecido, porque a gente corre o risco de esquecer de alguém.

[JL] Já falou do Cardoso Pires. Admito que sinta que é um dos grandes prosadores vivos.

[ALA] Eu acho que é um grande escritor. É um homem que constrói admiravelmente uma hi[s]tória, com grande solidez. É um dos poucos portugueses que sabem fazer diálogo. Entre vivos e mortos. Em alguns contos dele os diálogos são admiráveis. «O Hóspede de Job» talvez seja o livro dele que eu prefiro: Não tem nada a mais nem a menos, nem uma vírgula; é perfeito, para mim; os diálogos são estupendos, também. Embora como [e]scritor seja um homem que está nos antípodas daquilo que eu sou. E talvez seja por isso que somos amigos. Eu acho que somos amigos também porque temos respeito um pelo outro, e sem respeito e admiração não pode haver amizade.

[JL] Estão nos antípodas em que sentido? Como escritores enquanto tal ou como atitudes perante a escrita?

[ALA] São os grandes americanos do Sul, os escritores de que eu gosto mais. O Cardoso Pires gosta mais do Hemingway, que a mim me deixa um bocado frio, eu prefiro o Faulkner. Mas há uma paixão que temos em comum, que é o Graham Greene. Gosto dos russos – o Gogol, o Tolstoi [-,] do Simenon que é um escritor em que tão pouca gente fala também; ele vem da linha do Rabelais, que depois acaba no Céline. É muito engraçado porque os pais do Céline são claramente o Rabelais e o Zola. De resto, o Zola foi dos poucos escritore[s] de quem o Céline falou em público. Ninguém nasce de geração espontânea... E há o Günt[er] Grass, por exemplo. Aprendi com ele a não ter medo das palavras.

[JL] Continua a ler, a reler, os livros de que gosta?

[ALA] Eu leio sempre os mesmos escritores. São os livros que eu tenho ali, que é a obra toda do Faulkner, o Scott Fitzgerald, Dickens, Shakespeare, Camões, e pouco mais. Truman Capote, salvo erro.

MÉTODO DO TRABALHO

[JL] Apesar de dedicar muitas horas diárias à escrita, vai encontrando tempo para ler metodicamente, ou apenas o faz pontualmente?

[ALA] Quando estou a escrever um romance não leio ficção, porque, necessariamente, a prosa entra na nossa. Leio poesia ou leio ensaio. Ou leio qualquer outra coisa. Por exemplo, agora estou a ler correspondência do Céline, que me foi dada por [um] amigo de quem eu gosto muito e não vejo há muito tempo, e que é uma das personagens de «Os Cus de Judas». Mas quando se está a escrever romance é melhor não ler os romances dos outros, porque a prosa entra. E então há escritores que têm uma prosa que se «pega»! Por exemplo, o Eça pega-se imenso.

[JL] Qual é agora o seu método de trabalho? Umas tantas horas por dia, sempre as mesmas, previamente estipuladas?

[ALA] Houve uma altura em que fazia umas tantas horas por dia, como o V[ic]tor Hugo, que começava às oito da manhã e escrevia por ali fora «A Lenda dos Séculos». Agora, não: normalmente saio para almoçar e para jantar e o resto do tempo trabalho. Isto, mais ou menos, cinco dias por semana. Ao fim-de-semana tenho as minhas filhas.

[JL] Abandonou definitivamente a clínica?

[ALA] Já não tenho consultório. Agora, o que faço é só escrever, porque o hospital não me tira muito tempo.

[JL] Vive, praticamente, da escrita.

[ALA] Claro que não se vive tão bem como sendo médico, mas dá para viver. Também não sou assim tão masoquista... E, depois, há os direitos do estrangeiro. As adaptações teatrais. Por exemplo, agora com a peça de teatro tirada de «Os Cus de Judas», que se estreia em Maio[,] em França. Por aí fora...

[JL] Nunca escreve crónicas para jornais.

[ALA] Tenho fugido a isso. Quando se está no ritmo do romance é difícil passar para o ritmo da crónica. Eu tenho uma grande admiração pelas pessoas que são grandes jornalistas e escrevem. Não sei muito bem como é que conseguem.

[JL] Há jornalistas que sejam simultaneamente grandes romancistas?

[ALA] Em Portugal, não sei. Mas o Hemingway era jornalista, o Faulkner era jornalista. E por aí fora, por aí fora... Em Portugal, não sei. Mas eu conheço mal a ficção portuguesa.

[JL] Não costuma lê-la?

[ALA] Leio só os livros das pessoas de quem eu gosto. Mas tenho sempre muito medo de que os livros não sejam bons, porque gosto muito delas. Bons do meu ponto de vista, é óbvio. É por isso, também, que eu nunca respondi a nenhuma crítica, por mais agradável que fosse.

[JL] Acha que os escritores deviam ser mais unidos, mais organizados como classe, ou não se importa com isso?

[ALA] Unirem-se para quê? Contra quê? E, primeiro, é preciso saber quem é que é escritor. Hoje a gente vê na televisão uma pessoa que escreveu uma coisa qualquer e aparece logo por baixo «fulano de tal, escritor». Acho que há uma distinção muito grande entre escritores e fazedores de livros. Há muito mais fazedores de livros do que escritores, do meu ponto de vista pessoal, que é perfeitamente discutível, como todos os pontos de vista. Também por isso é que nunca respondi a nenhuma crítica. O único crítico a quem eu até agora respondi foi ao Presidente da Academia Nobel, que escreveu o prefácio à tradução sueca de «Os Cus de Judas», e ao Jacques Lemontand, quando criticou o «Fado Alexandrino» no «Canard».

[JL] É verdade que a actividade de escritor é uma actividade solitária?

[ALA] Normalmente, as associações são sempre contra qualquer coisa. Agora contra quem? Contra os leitores? Contra os críticos? Contra as editoras? Contra os jornalistas?

O NOBEL POSSÍVEL

[JL] Falou de uma carta que escreveu ao presidente da Academia Nobel. Já pensou receber o Prémio Nobel algum dia?

[ALA] De há dois anos para cá que todos falam nisso.

[JL] Vê isso como sendo qualquer coisa de provável?

[ALA] O meu agente sueco e o editor vêem. Não sei... Fatalmente, irão dar o Nobel a alguém de língua portuguesa. Sempre pensei que o Drummond o iria receber. Em Portugal, não sei... É difícil para a maioria dos escritores portugueses, porque a maior parte não estão traduzidos em sueco.

[JL] O Lobo Antunes está...

[ALA] Eu estou. Mas, por exemplo, o José Cardoso Pires não está traduzido em sueco. Estará o Saramago, que acho que tem dois livros em sueco. Pela crítica internacional (agora recentemente ao «Fado Alexandrino», ao «Auto dos Danados», à «Explicação dos Pássaros», a «As Naus», por aí fora, e sobretudo nos Estados Unidos) o Nobel não parece uma hipótese absurda. Os jornais falam todos nisso, desde o «Européen», aos franceses. Mas a gente não pode dramatizar muito isso, senão acabamos por ficar presos a essas coisas. E o Prémio Nobel é, em primeiro lugar, um prémio político, claramente. Mas também é idiota dizer isto, porque no fundo, secretamente, toda a gente o quer ganhar, mesmo que diga que não.

[JL] Por todas as razões apontadas, e que são do conhecimento geral, o António Lobo Antunes tem fortes probabilidades de vir a ganhar o Nobel.

[ALA] Então escreva isso. O que é facto é que as pessoas sabem isso, que a rádio o diz, mas os jornais nunca o escrevem. Já reparou como normalmente se referem a mim? É sempre como a qualquer coisa de marginal. Mesmo quando têm de reconhecer que eu existo lá fora, põem-me sempre atrás de alguém.

[JL] Em regra, peca-se por falta de realismo na apreciação das probabilidades. E fala-se quase sempre de Torga...

[ALA] É verdade.

[JL] O António Lobo Antunes pensa muito na posteridade?

[ALA] O Jorge de Sena dizia que não acreditava em eternidade nenhuma, mas sempre havia uns tempos mais compridos do que outros.

[JL] Há tempos muito mais compridos, se pensarmos no Homero ou os tragediógrafos gregos.

[ALA] Mas nessa altura já estamos com a boca cheia de terra. É que jogar no futuro não é para quem perdeu o presente. Se um tipo pensar: «Vou ser um escritor para daqui a cem anos» é porque o nosso presente não corre tão bem assim... Eu penso que o que nos interessa fundamentalmente é tocar as pessoas que vivem connosco. Provavelmente, poderá ser muito agradável a gente pensar que daqui a duzentos anos ainda nos lêem, mas isso depende de tantos factores!... Por exemplo, agora estou a tentar reler o Villon naquele francês arcaico. É lixado perceber assim! Ao passo em que nas edições em que o francês está actualizado ele continua a ser um poeta espantoso. Conseguir guardar aquela frescura por quinhentos anos! E na poesia é mais fácil do que na prosa, de qualquer modo.

[JL] A prosa é mais datada.

[ALA] Muito mais datada. Sobretudo, não há nenhum romance que resista ao ridículo, por maior que seja esse romance. Em todos eles se encontram coisas más e de mau gosto, mesmo nos grandes. Talvez a receita seja nunca reler o nosso trabalho, porque então os defeitos aparecem enormes e as qualidades pequenas e fica-se espantado com a recepção crítica das pessoas. Por exemplo, quando «As Naus» foi publicada na revista da Universidade de Nova Iorque eu fiquei todo contente, achei aquilo uma honra bestial, mas depois pus-me a reler e disse: «Bolas, isto está cheio de defeitos». Eu releio os livros com os tradutores, com as dúvidas dos tradutores. Às vezes olha-se para aquilo e pensa-se: «Que coisa tão boa que eu fiz!». Outras, pensa-se: «Que grande porcaria!» Mas eu penso, ao contrário do Carlos de Oliveira, do José Cardoso Pires, do Eugénio de Andrade, por aí fora, que mexiam muito nos textos, que não tenho esse direito. Não tenho porque o estado de espírito já é outro, depois porque havia nas primeiras edições uma frescura que se perde necessariamente, finalmente não sei até que ponto será leal para com o leitor mudar uma coisa que as pessoas já compraram. É evidente que não tenho

nada contra as pessoas que fazem isto. Eu seria incapaz de fazer, mas a vontade que me dava era pegar numa caneta e começar a riscar e a emendar. Mas, para isso, é melhor escrever outro livro. Isso tem muito que ver com a gente querer deixar um perfil mais perfeito para a eternidade, não é?

A «GERAÇÃO» MAIS RECENTE

[JL] É um pensamento piedoso. Com segunda versão ou sem ela, a primeira está lá, e ambas serão objecto de comparação pelos estudiosos do futuro. Isto se alcançar a tal posteridade.

[ALA] Pois, com todos os defeitos que a obra possa ter. E já me tem acontecido gostar mais de primeiras versões de coisas do José Cardoso Pires ou de poemas do Eugénio de Andrade, que é um homem a quem eu pessoalmente devo uma grande estima e uma ternura que não posso esquecer. Tenho recebido algumas provas dessas – da Agustina, por exemplo, do Eugénio, do Egito Gonçalves, do José Cardoso Pires, do Namora, pessoas que foram para mim sempre de uma amizade, de uma ternura, de uma generosidade que eu não posso de maneira nenhuma esquecer e a quem estou muito grato. Isto falando só dos portugueses. E outra coisa curiosa é o entusiasmo crescente dos novos escritores. A quantidade de livros que aparecem «à António Lobo Antunes»! É muito curioso. E acho que algumas dessas pessoas novas são muito boas. Por exemplo, o José Riço Direitinho, que penso que será um grande escritor se continuar a trabalhar. Um homem de quem também gostei muito foi o Rodrigues Guedes de Carvalho. Gostei do livro dele. É um livro bem feito. O Daniel (Sampaio) chamou-me a atenção para o livro e eu fui lê-lo e gostei muito. É óptimo descobrirmos isto, porque eu penso que abaixo da nossa geração não há ninguém, é o vazio completo. Mas há esta gente que tem escrito coisas muito engraçadas e que eu penso que poderão vir a fazer alguma coisa se trabalharem. E há mais: alguns rapazes e raparigas do «DN Jovem» têm mesmo talento. Note-se que eu não conheço o Rodrigues Guedes de Carvalho, nunca o vi pessoalmente a não ser na televisão e fiquei espantado quando um homem com aquele aspecto físico escreveu um livro: par[e]ce um jogador de rãguebi... O que não é defeito: o Scott Fitzgerald também parecia. Eu gostei do livro. Penso que será capaz de fazer muito

melhor do que o que fez. Tenho muita esperança. É engraçado, porque a geração dos trinta anos é o vazio completo. Mas a culpa não é inteiramente deles: nós tivemos muita coisa...

[JL] Para o público, a «nova geração» ainda é a nossa, a que se situa entre os 40 e os 50 anos: Lobo Antunes, Lídia Jorge, João de Melo, etc. Os escritores surgidos depois do 25 de Abril...

[ALA] E ainda não somos velhos, caramba!... Mas tenho muita esperança nestes nomes. E é uma alegria descobrir novos valores: ler um poema do João Miguel Fernandes Jorge e ficar contente. Isto é apenas um conselho, claro.

[JL] Trabalhar «à Lobo Antunes». Quantas horas por dia?

[ALA] Muitas. Hoje escrevo menos porque estamos aqui a conversar. Mas escrevo durante o dia todo: de manhã, à tarde e à noite. Mas aproveita-se pouco; cerca de meia página é o que se aproveita. Agora estou a demorar uma média de dois anos a fazer um livro, mas se tivesse outra actividade me ocupasse, tipo consultório, acabava por escrever durante a noite até às quatro ou cinco da manhã e andava a matar-me estupidamente.

[JL] Era o que o Lobo Antunes fazia inicialmente...

[ALA] Era, mas tinha outra idade que já não tenho agora. Fazia coisas que já não faço agora. E quando se está a escrever não se pára de fumar. É terrível, é um amanhecer horroroso no dia seguinte. Felizmente, não bebo. Não sei o que é que se vai aproveitar desta entrevista. Está tudo tão coloquial!

NOVAMENTE O NOBEL

[JL] Assim mesmo é que tem graça. E até podemos voltar a conversar do Nobel: como se explica que o prémio nunca tenha sido concedido a nenhum autor de língua portuguesa?

[ALA] Bem, o Nobel depende muito de *lobbies*, também. E não é a pressão de um Presidente da República que faz que se ganhe prémios. Não estou a querer pessoalizar a questão. Por exemplo, o Graham Greene nunca teve o Nobel por ser considerado um homem demasiado à esquerda, o Borges nunca o ganhou por ser considerado um homem demasiado à direita (e eu não gosto do Borges e gosto do Graham Greene). Bom, tirando o Drummond, quem é que o merecia, na língua portuguesa, até há uns anos? Não sei. Tenho muitas dúvidas.

O Aquilino? O Aquilino foi candidato ao Prémio Nobel. Mas nessa altura também não havia traduções como há agora. Havia poucos escritores portugueses traduzidos.

[JL] Praticamente só o Ferreira de Castro.

[ALA] Sim. E o Namora. Mas eles publicavam em editoras muito pequeninas e na maior parte deles estão traduzidos em editoras que não têm grande poder. Actualmente, tirando o José Cardoso Pires, que está publicado em França, na Gallimard, quem está na editora mais forte sou eu, que estou no Bourgois, que é um homem com uma grande força, e não só em França. Eu tenho a sorte de ter editoras muito boas. Se conquistarmos o eixo Nova Iorque-Paris-Berlim, os outros países vêm por acréscimo. Publicar no Brasil não me interessa nada.

[JL] Normalmente isso é considerado importante.

[ALA] Porquê?! Eles não pagam! A distribuição funciona pessimamente... É tudo uma aldrabice pegada. Pode parecer uma visão muito mercenária, mas já fui explorado anos de mais.

[JL] Por quem?

[ALA] Tive um processo em tribunal por abuso de liberdade de imprensa quando chamei determinadas coisas a determinada editora e comprometi-me a não voltar a falar dessa editora.

[JL] É uma história conhecida. Foi o seu conflito com a Vega, onde publicou os primeiros livros².

[ALA] Se somos profissionais... Apesar de tudo, a mais-valia sobre os livros publicados no estrangeiro é uma coisa terrível. Os contratos no estrangeiro que eu tenho são, na maioria, de oito, dez, doze por cento. Depois, há sempre tanto livro a aparecer!... É preciso ter as primeiras páginas do «New York Times», a primeira página do «Washington Post» e por aí fora. Eu tenho-as e vendo no Greenwich mas não vendo no Downtown de Nova Iorque. Se fazemos um *flop* a editora não pega mais em nós. Eu tenho sorte de estar em editoras de autor, que publicam a minha obra toda. Por exemplo, a minha editora alemã tem o Calvino, o Kundera, o Botto Strauss, o Canetti...

² A propósito, e a título de exemplo, vejam-se os artigos "Lobo Antunes muda de editora e reedita livros", in *A Capital*, 3 de Fevereiro, 1983, p. 23 e "António Lobo Antunes: primeiro editor leva-o a tribunal", in *O Jornal*, 4 de Abril, 1983, p. 20.

[JL] O Lobo Antunes vive inteiramente para a escrita?

[ALA] Sobretudo, mas não só... Há outras coisas de que eu também gosto. É bom quando conseguimos fazer aquilo de que gostamos. Embora escrever não tenha só que ver com o gosto, mas também com uma necessidade mais profunda. Eu escrevo desde que me conheço, e o publicar nunca foi em mim um frenesim. Provavelmente, se não fosse a intervenção do Daniel (Sampaio) continuava a escrever romances sem os publicar. Nunca me passou pela cabeça levar um manuscrito a uma editora. Simplesmente, depois há um mecanismo que nos apanha e que, ao mesmo tempo, é bom e mau. E eu tenho medo. Este último livro, por exemplo, o Bourgois comprou-o sem o ler sequer. Imaginemos que o vou desiludir!... Estabelece-se uma relação de cumplicidade e de amizade com o editor, como tenho com o agente, que foi por acaso que me apareceu na vida; era um homem que eu conhecia de nome e que era (e é) agente do Jorge Amado, do S[áb]ato e do Reynaldo Arenas, que era um grande amigo meu. E um dia, em 80, recebi uma carta desse homem a dizer que queria ser meu agente. Eu julguei que era uma piada, não respondi e ele voltou a escrever. Então soube que tinha sido o Márcio Souza, que agora é o director do Instituto do Livro do Brasil, que tinha recebido «Os Cus de Judas» de presente e o tinha deixado em Nova Iorque, ao Tom Colch. E foi assim. Ao princípio ele lutou muito, mas depois as coi[s]as inverteram-se e agora estão à espera. Mas depois começa a ser estranho, quando se assinam contratos em esloveno e em turco...

DESAPEGO A OBJECTOS

[JL] Pergunto se a escrita é o que mais o motiva na vida, sobretudo porque olho em volta e vejo uma casa espartana, praticamente sem móveis. Dir-se-ia que apenas a escrita povoa este espaço.

[ALA] Eu nunca me senti bem rodeado de muitas coisas. Tenho as fotografias das minhas filhas e pouco mais. Objectos, não tenho. E nunca senti necessidade. Tive, eu e os meus irmãos, uma educação muito austera. A parte material não é importante para mim. Tem a ver com a minha maneira de ser, e não com a escrita. Gosto de casas com pouco móveis. Gosto de ter dinheiro, de vestir boa roupa, isso gosto. Agora, penso que não preciso de muito dinheiro para viver. Mas é óptimo tê-lo. Para dar às filhas, por exemplo. O que provoca

uma certa culpabilidade, porque quando a gente não é capaz de dar ternura dá coisas em vez dela. É muito mais fácil... Dá menos ansiedade do que ser verdadeiramente terno para as pessoas.

[JL] Vivendo assim, isolado, escrevendo de manhã à noite, onde é que vai buscar a matéria para os seus livros? Sobretudo à parte reminiscente?

[ALA] Também não vivo assim tão isolado. Mas até posso ir buscar as coisas a pessoas que só tenha visto uma vez, e com quem nunca tenha falado. Como aquele trovador francês que morreu de amor por uma mulher que nunca viu. Estou a lembrar-me daquele crítico suíço que diz que eu sou uma espécie de mata-borrão. Da Faculdade para o escritor absorvi tudo. No fundo, é-se um bocado ladrão, ladrão de emoções, ladrão de pessoas. Um escritor é um bocado um gatuno. Mas também há a parte *voyeuriste*. Muitas vezes, para se arranjar o cenário é preciso ir lá, passear. No «Auto dos Danados» há uma parte que se passa em Évora, na «Explicação dos Pássaros», uma parte em Aveiro. Então, eu ia aos sítios, chegava a fazer plantas, etc. Penso que os outros escritores fazem mais ou menos a mesma coisa, mas nunca falei disso com eles, quando se fala com outros escritores há uma espécie de pudor.

[JL] Quando faz o plano de um novo romance, o que é que privilegia mais? A trama em si? As situações? As personagens?

[ALA] É tudo um pouco indissociável. Penso que o que se tenta sobretudo é inventar um novo português, inventar uma nova linguagem. Ter uma voz pessoal, é isso, ter uma forma nova de contar as coisas.

[JL] Mas também há a história.

[ALA] Um romance é sobretudo intriga.

[JL] O plano inclui, portanto, essa intriga?

[ALA] Sim, embora neste último a trama cresça mais para os lados do que para a frente.

[JL] Começou pelo fim? Pela «explicação» de tudo aquilo, pela tal senhora que, no romance, «inventou» o próprio romance?

[ALA] Não. Comecei pela primeira parte. Inicialmente o ex-pide que faz a investigação alternava em todos os planos com todas as personagens. Só depois é que me apercebi de que aquilo assim não estava certo.

[JL] Então, inicialmente, era a história de uma investigação.

[ALA] Não, a ideia não era essa. Eu tinha vagamente o desejo de fazer um romance policial. A questão era: como fazer um romance policial? O pido não era o detective da história. Eu não sabia ainda quem era. Só no fim do plano é que me apercebi de que era aquela senhora, que é tirada de uma pessoa real cuja morte me doeu muito. Talvez para conjurar o sofrimento que me trouxe a morte dela, tentei tornar o desespero dela fértil.

[JL] Gosta de literatura policial?

[ALA] Conheço pouco. O Chandler, que considero um grande escritor, o Dashiell Hammett, o Simenon, obviamente. Mas penso que, quando eles são de facto assim tão grandes escritores, reduzi-los a «escritores policiais» é uma injustiça. Esses rótulos («fulano é o escritor da guerra colonial») são sempre destinados a apoucar as pessoas. Uma coisa que os anos me ensinaram foi a ter mais respeito pelo trabalho dos outros. Ao princípio eu espadeirava contra tudo e contra todos. Isso não tinha nada de pessoal. O que eu fazia era tentar explicar o que eu achava que devia ser um romance. Até me aperceber de que era completamente vão, pronto. Nós somos um país formado pelos franceses – o Malraux, o Sartre, que são escritores de que eu não gosto –, as pessoas escrevem em francês com um sotaque da Beira, de Trás-os-Montes, do Algarve ou de Lisboa, e escrevia-se como se não tivesse havido Proust, como se não tivesse havido Faulkner, como se não tivesse havido Joyce, como se não tivesse havido Virginia Woolf. Continuava-se a escrever romances à Balzac, penso, havia muito pouca novidade no romance português, eu acho. Claro que cada pessoa pensa que vai inovar imenso, mas se a pessoa não achasse que escrevia as melhores coisas do mundo não as publicava. Mas penso que muitas vezes não temos muito sentido crítico nem humildade em relação ao nosso trabalho; a primeira coisa que o sucesso me trouxe foi a humildade, julgo eu. Sou agora muito mais humilde do que era e não é pose. Já não sou capaz daquela arrogância. Embora saiba cada vez melhor o que é que quero, julgo que cada vez me é mais claro que não sou o detentor da verdade. Poderei sê-lo de parte da minha verdade, e é tudo.

O LUGAR DA MEDICINA

[JL] Porque é que o Lobo Antunes, sendo desde muito jovem uma pessoa voltada para as Letras, tirou um curso de Medicina?

[ALA] Talvez por influência do meu pai, que foi uma pessoa muito marcante para os filhos. Hoje sinto-me muito feliz por não ter tirado um curso de Letras. O ter tirado um curso técnico foi muito importante para eu criar método. Julgo também que a vida hospitalar foi bastante enriquecedora para mim. Penso que teria escrito de qualquer maneira, mas o contacto com o sofrimento deu-me...

[JL] É verdade que há uma tradição de médicos escritores. Haverá alguma relação entre as duas actividades, ou é coincidência?

[ALA] Há uns muito maus, mas há escritores médicos esplêndidos. O Rabelais era médico, o Céline, o William Carlos William, o Somerset Maugham, tantos...

[JL] Em Portugal também: o Namora, o Júlio Dinis...

[ALA] ... o Torga...

[JL] O Torga também.

[ALA] Até há uma Sociedade de Escritores Médicos. Mas havia uma grande tradição humanista dos médicos quando eu estava na [F]aculdade. Havia professores da Faculdade de Medicina que eram admiráveis homens de cultura. lembro-me de um professor que dizia que quem não lia o Kafka não podia ser bom médico. Eu penso que isso se terá perdido um bocado, que actualmente não acontece tanto. E muitos médicos que eu conheci na minha infância eram homens extraordinariamente cultos. Penso que foi bom para mim não ter tirado um curso de Letras, porque se o tivesse feito talvez tivesse ficado a gostar menos dos livros. Assim, eles funcionavam um bocado como a minha alegria e a minha liberdade. Não era obrigado a estudá-los de uma forma académica. Dedicava-me a eles por amor, em lugar de ser por obrigação.

[JL] De qualquer modo, depois acabou por se especializar em Psiquiatria, que é talvez a parte da Medicina mais próxima da Literatura.

[ALA] Era preciso tirar uma especialidade, e eu pensei que era aquela que estava mais perto do Dostoiévski, o que é perfeitamente um engano. Depois, havia algumas pessoas na especialidade que me eram completamente fascinantes, casos do dr. João dos Santos ou do prof. Barahona Fernandes. Eles acabaram por ter, sem o saberem,

um grande peso na minha escolha. Além de que, na altura, a Psiquiatria era menos competitiva do que a Cirurgia ou a Pediatria, por exemplo, e portanto dava-me a ideia de que me proporcionaria mais tempo para escrever. Mas acho que foi sobretudo por preguiça que entrei para Psiquiatria. Não me estava a ver ser médico a vida toda e a passar tardes inteiras no consultório depois de ter passado as manhãs no hospital. Embora eu goste muito da medicina e tenha uma certa nostalgia dela. Gosto do cheiro dos hospitais, do ambiente dos hospitais. Disso eu tenho saudades. Disso eu tenho saudades...

17. ISABEL RISQUES

“Lobo Antunes: ‘O artista é um ladrão bom’”

O Jornal/Cultura & Espectáculos
30 de Outubro, 1992, pp. 34-35

O romance de um romance. O ponto final no ajuste de contas com o passado. A dimensão da ternura é, agora, o eco de todas as emoções.

«A Ordem Natural das Coisas», assim se chama o nono e novo romance de António Lobo Antunes. Planificação audaciosa, estilo depurado, o autor descreve-nos, num trapézio agitado de emoções, a pluralidade, a um tempo harmonioso e triste, de todas as razões emudecidas. Pela primeira vez, o todo é possível: a representação do desejo e da agonia, o amor, o nascimento e a morte, o delírio dos visionários, a intriga, o humor e, sobretu[d]o, ternura. Este é, sem dúvida, o melhor romance de António Lobo Antunes, um escritor bem amado pelos suecos e pelos norte-americanos e, cada vez mais, ao alcance do Nobel.

[O JORNAL] «A Ordem Natural das Coisas» é o segundo livro de uma trilogia que marca um novo ciclo na sua obra. Que diferenças (técnica, temática) separam estes dois livros dos anteriores?

[ANTÓNIO LOBO ANTUNES] Até agora houve, basicamente, três fases: uma, autobiográfica, que abrange os três primeiros livros, uma segunda, em que a personagem central deixa de ser o narrador para ser o País (uma fase de epopeias e anti-epopeias que abrange [a] «Explicação dos Pássaros», «Fado Alexandrino», [o] «Auto dos Danados» e «As Naus») e agora, uma terceira fase que poderá ser chamada, provisoriamente, o ciclo de Benfica, porque é ali que a acção se desenrola, não em Benfica actual, mas em Benfica da minha infância, das quintas,

47. SARA BELO LUÍS

*“O mundo de António Lobo Antunes
em 12 partes”*

Visão

26 de Outubro, 2006, pp. 136-141

O último livro do escritor, *Ontem Não Te Vi em Babilónia*, acaba com uma frase que é também uma confissão: «Aquilo que escrevo pode ler-se no escuro.» Lobo Antunes fala na primeira pessoa e, à VISÃO, aqui revela um pouco desse seu universo sombrio.

ANTÓNIO LOBO ANTUNES nem reparará, mas a sua voz muda quando se liga o gravador. Detesta entrevistas (são «artificiais», haverá de afirmar no fim) e, por isso, evita-as ao máximo. Os livros falam por si, muito mais do que as palavras do escritor possam tentar justificar. E, parafraseando D. Francisco Manuel de Melo, Lobo Antunes tende sempre a dizer que o livro trata do que nele vai escrito dentro.

Diga-se apenas que *Ontem Não Te Vi em Babilónia* – que hoje, 26, será lançado no Teatro Maria Matos, em Lisboa, com apresentação de José Eduardo Agualusa e Ricardo Araújo Pereira – é o seu mais recente livro. E que lá dentro tem uma série de personagens (um polícia, uma doméstica, uma enfermeira...) que, em cidades diferentes, numa só madrugada, vão relatando as histórias das suas vidas. O que contam terá mesmo acontecido? De que é feita a memória das coisas? Onde é que, afinal, reside a verdade? Da meia-noite às cinco da manhã, numa vigília um tanto ou quanto delirante, eles vão adormecendo. Por vezes, até dialogam com quem as cria. Foi escrito nas mesmas folhas de sempre (as folhas de prescrição do Hospital

Miguel Bombarda) e, sobre o livro, o escritor tinha uma única ideia: «Como é que a noite se transforma em dia?» Segue-se, em 12 partes, o mundo de António Lobo Antunes. Sem quaisquer interrogações. Fingindo que não se trata de uma entrevista.

1. A MEMÓRIA DA INFÂNCIA

Nenhuma infância é alegre. A recordação dela é que pode ser alegre ou triste. Nenhuma infância é alegre porque a infância é sempre muito normativa. Os pais impõem normas contra as quais os filhos reagem constantemente. A infância e a adolescência são sempre períodos de uma grande revolta. No meu caso, um miúdo que escreve provoca nos pais reacções várias. De apreensão, por exemplo. O que é que irá ser o futuro dele? Será que ele vai conseguir ganhar a vida? Porque é que ele faz isto? Porque é que ele tem necessidade de fazer isto? Porque é que ele não tem uma infância como os outros? Para um pai e para uma mãe, ver um filho sentado a uma mesa a escrever coisas deve ser – não sei, nunca perguntei – muito alarmante. Nunca falei sobre os livros com a minha família. Tenho com os meus irmãos uma relação muito boa, mas há um grande respeito pela intimidade de cada um. Não se fala de Deus, não se pergunta em que partido vota. Respeitamos a privacidade e, mesmo que não estejamos de acordo com as posições que tomam, acabamos sempre por nos defendermos uns aos outros.

2. A AUTOBIOGRAFIA

Quando estive agora em Estocolmo, uma senhora, numa sessão de autógrafos, disse-me: «Leio os seus livros e estou a vê-lo a si.» Ao contrário do que se possa pensar, estes últimos livros são muito mais autobiográficos do que os primeiros que escrevi. Chega a uma altura em que o livro e eu formamos um corpo único – e eu acabo por falar muito mais de mim. Deixo de falar dos episódios da minha vida para falar da minha vida interior, da minha *inner life*. Estou muito mais inteiro dentro deste livro (*Ontem Não te Vi em Babilónia*) e quem o ler com atenção fica a conhecer-me muito melhor. A um olhar atento, apareço completamente nu nestes últimos livros nos quais, do ponto de vista factual, já nada tem a ver com os factos da minha vida

pessoal. Nos primeiros livros, bem ou mal, eu escrevia o que queria. Agora, estes livros ganharam uma certa autonomia e, por isso, vou atrás, apenas acompanho o que está a surgir. Sou a primeira pessoa a ficar surpreendida com o que lá está escrito.

3. A MÃO

Faço duas versões de cada capítulo, passo para o capítulo seguinte e vou por aí fora... Demoro um ano e tal com isto e, depois, quando chego ao fim, tenho medo de ir olhar o material. É um mistério como, nesse momento, tudo se articula porque, quando se está a escrever, não se tem essa noção. Nos grandes momentos é claro que penso na hipótese de a mão me falhar. E a cabeça também. Acho que, no fundo, escrevo com o corpo todo. Estou tão metido dentro do livro, somos tão parte um do outro... Não sei como é a gravidez, nem creio que tenha semelhanças, mas é como se de repente o meu inconsciente estivesse ali, como se de repente aquilo que não conheço de mim estivesse ali à mostra. O que me acontece cada vez mais é que essa parte de trevas continua em mim durante os intervalos dos livros e dá-me uma maior tranquilidade, uma maior paz e uma maior humildade. Porque eu não sou autor daquilo que escrevi.

4. A GUERRA COLONIAL

Não li as cartas que escrevi enquanto estive em Angola (publicadas no ano passado em *D'este viver aqui neste papel descripto*). Não me pertencem. Foram escritas por uma pessoa, um rapaz de 20 anos, que eu já não sou. E, por outro lado, não me apetece mexer com os pauzinhos nas feridas. Em todo o caso, tanto quanto me recordo, quando as escrevi, a única coisa que queria dizer era «estou vivo, continuo vivo, ainda estou vivo». Essas cartas eram um grito e os livros são um comentário a esse grito, a pessoa em que me fui tornando. De qualquer maneira (na apresentação pública *D'este viver aqui neste papel descripto*), gostei de encontrar os militares que estiveram em África comigo. É evidente que foi muito emocionante porque existe entre nós uma certa camaradagem, um termo que contém dentro de si amor, partilha e muitos outros sentimentos. Era uma situação horrível e estávamos juntos naquele pesadelo. Foi com eles que vivi as coisas

mais horríveis da minha vida, ao lado deles, com eles. E isso cria laços que serão indestrutíveis.

5. AS VOZES

Os livros não têm personagens, é sempre a mesma voz, que vem, que vai, que muda de tom. Fico sempre muito surpreendido quando as pessoas falam em romances polifónicos, porque é sempre a mesma voz. A uma segunda ou terceira leitura o leitor compreenderá que se trata sempre da mesma voz. A mim também me pareciam ser vozes polifónicas. Agora fala este, agora fala aquele outro. Depois, comecei a perceber que estava equivocado. Era só uma voz, que ia mudando. Como o dia, que é um só e que vai mudando de cor e de luz. Se calhar é sempre a mesma voz que vai transitando de livro em livro. Eu próprio não sei. O livro adquire uma tal autonomia que conversa comigo o tempo inteiro. E questiona. E pergunta. E responde. Transforma-se numa espécie de diálogo, faço corpo com o livro. Umas vezes há uma distância[] entre nós, outras vezes voltamos a unir-nos. Daí parecer-me que não se pode chamar romance a estas coisas que escrevo. Não há uma história, não há um fio, não há nada.

6. O BELO

A mim o que me interessa nos livros é a felicidade da expressão. E isso dá-me uma alegria enorme. A escrita deste livro (*Ontem Não Te Vi em Babilónia*) foi acompanhada de uma grande alegria. Claro que se está sempre com os problemas técnicos que a cada passo o livro põe, claro que muitas vezes não se sabe como resolvê-los, claro que se começa, recomeça e volta a recomeçar. Mas o sentimento profundo é um sentimento de felicidade. Um livro tem que ser uma alegria. Keats dizia que «a thing of beauty is a joy for ever». Quando pela primeira vez li este verso, fiquei muito impressionado – uma coisa bela era uma alegria para sempre. Por isso fico surpreendido quando me dizem que um livro é triste. A partir do momento em que é belo é uma alegria. É uma alegria, para mim, enquanto leitor. No outro dia, li a versão definitiva de *O Grande Gatsby* e deu-me uma imensa alegria ler aquilo. Pela felicidade de expressão, pela capacidade de exprimir os sentimentos, por me revelar a mim mesmo e por me

revelar o mundo. Uma obra de arte boa é uma vitória sobre a morte. E isso é o mais importante de tudo.

7. A PORTUGALIDADE

No princípio, era no estrangeiro que eu era mais bem entendido. Porque, neste caso, é óbvio que a distância toma o lugar do tempo. Ao longo destes anos, as pessoas em Portugal não sabiam muito bem como classificar-me e, então, iam pondo etiquetas que, sucessivamente, se foram alterando. O rótulo dos subúrbios, o rótulo de que eu trato mal as mulheres... Tenho que ensinar os meus leitores a lerem-me e, livro após livro, a sensação é a de que hoje estão mais próximos daquilo que faço. De há uns anos para cá, acho que as pessoas foram percebendo que não podem aplicar-me a mesma categoria de valores nem a mesma tabela que se aplica a um romance. Estes últimos livros deveriam ser a vida inteira. Como é impossível manter isto durante muito tempo, a minha ideia é fazer mais dois ou três livros e depois calar-me. Cada vez me dá mais prazer apanhar o avião de regresso porque sei logo qual é o que vai para Portugal pelas pessoas que estão na bicha para o *check in*. É aqui que eu pertença, é aqui que eu gosto de estar, é para as pessoas do meu país que escrevo.

8. A OBSESSÃO DE ESCREVER

Até agora, a vida tem sido generosa comigo. Gosto de estar vivo. Gosto das manhãs e, quando estou com um livro, tenho uma vida muito metódica. Caso contrário, não conseguiria escrever. É curioso porque, visto de fora, pode parecer muito monótono, mas não é. A minha vida está sempre habitada e, quando estou a escrever, o livro ocupa-me 24 horas por dia. Nunca entendi porque é que o fazia. Gosto de estar sem escrever, gostei de estar sem escrever nestes últimos três meses. O problema é que depois começo a sentir-me culpado. Como se me tivessem dado uma coisa que não é minha e que eu tenho obrigação de transmitir. É como se o livro não fosse meu. Acho que os livros deveriam ser publicados sem o nome do autor, seria mais honesto. *O Monte dos Vendavais* não foi escrito pela Emily Brontë, foi escrito por mim enquanto o estou a ler, foi escrito por si enquanto o está a ler. Brontë foi apenas o veículo que trouxe o livro até nós.

Quando digo que ninguém escreve como eu, não implica vaidade nenhuma. Não foi feito por mim, a única coisa que fiz foi esvaziá-me para o receber.

9. AS EMOÇÕES

Não há sentimentos puros. O que eu quero pôr dentro de um livro é tudo. Quero pôr a morte, a vida, o amor e a alegria. Como a morte nos preocupa mais do que a vida, temos tendência para ter visões parcelares do que estamos a ler. Tal como em relação às pessoas, vivemos com fragmentos delas e não com elas todas. Tal como em relação à nossa própria vida – temos muitos quartos, vivemos em dois ou três quartos e de modo nenhum abrimos as portas dos restantes. Não podemos aplicar a estes livros o mesmo código, a mesma escala, o mesmo alfabeto. Estes meus últimos livros têm que ser lidos de maneira diferente, Nunca pensei se as minhas personagens estão loucamente apaixonadas ou se pelo contrário se odeiam imenso. Não é isso que me interessa. O que me interessa é o mais fundo de nós, o negrume onde depois as paixões e as emoções podem brotar. O que me interessa é o que está antes de elas florescerem ou de se manifestarem.

10. AS REFERÊNCIAS

Só há dois ou três escritores que eu considero meus colegas – Tolstoi, Conrad, Proust, Tchecov, Gogol... O problema é que, enquanto no século XIX tínhamos 30 génios, hoje, só encontramos três ou quatro grandes escritores no mundo inteiro. E, mesmo assim, temos que andar com uma candeia acesa. Há muito poucos escritores bons, ainda menos escritores muito bons. Perante a maior parte dos livros que se publicam, pergunto-me: porque é que publicam isto? É difícil escrever livros bons, sendo jornalista, médico, engenheiro ou escriturário. Um livro precisa de nós por inteiro. Aqueles nomes de que falei só escreviam, tinham todo o tempo. E muitos deles escreviam com grandes dificuldades materiais porque ninguém enriquece a escrever. Se uma pessoa enriquece a escrever, os livros não são bons. Irão, depois, isso sim, enriquecer os herdeiros. Todos os anos, *Terna é a Noite* vende não sei quantas vezes mais do que vendeu durante

toda a vida de Francis Scott Fitzgerald. Até à morte de Céline, *Viagem ao Fim da Noite* vendeu 16 mil exemplares. Citando Shakespeare, Stendhal escrevia sempre no fim dos livros: «to the happy few». A grande literatura é lida por poucos. Há tempos, Philip Roth, que sem ser um grande escritor me parece um bom contador de histórias, dizia que os leitores da *Anna Karenina* serão um clube de 150 pessoas.

11. OS TÍTULOS DOS LIVROS

Gostei do título *Ontem Não te Vi em Babilónia* (inscrito em escrita cuneiforme num fragmento de argila, 3000 anos a.C.) porque me fez sonhar. Andei muito tempo a perguntar quem é que teria escrito aquela frase e para quem. Uma mulher para um homem? Um homem para uma mulher? Um pai para um filho? E, ao mesmo tempo, é como se fosse: ontem não te vi no café, ontem não te vi no restaurante, ontem não te encontrei. Além do som da palavra Babilónia, que tem para mim muitas conotações. Lembra-me logo o Camões, por quem eu tenho uma imensa admiração. Acho que ele inventou o português moderno, que é o António Lobo Antunes da poesia. Não faço a menor ideia de como é que aquele título se relaciona com aquelas personagens. Até que ponto é que o nome António se relaciona comigo? Normalmente, os títulos só começam a aparecer a dois terços do livro. Não é nenhuma angústia porque sei sempre que ele vai aparecer, é apenas uma questão de tempo. O que é curioso é que, depois, sem que se dê conta, é o título certo para o livro.

12. AS NOITES

Tenho a impressão que as emoções se vão esbatendo nas personagens e que, como nos sonhos, a voz flutua. Sobretudo nos últimos livros (que era por onde eu deveria ter começado, não devia ter publicado os primeiros), tenho sempre a sensação que a tristeza ou a alegria já são vividas como um estado segundo. Estou a contar um sonho, estou a escrever sonhos e os sonhos, em si mesmos, não são alegres ou tristes. Somos nós a despertar, temos uma recordação deles, que pode ser de tristeza ou de alegria. Quero que o leitor, durante a leitura, fique todo mergulhado. Ao sair do livro, foi uma grande alegria ter conseguido escrever o que escrevi. É isso que eu quero que

o leitor entenda. Quando à noite atravessa a sua casa com as luzes apagadas e passa pelos sítios onde estão os livros, os livros bons são fluorescentes, os bons livros estão iluminados. Os outros, pelo contrário, não se dá por eles, estão na escuridão. Somos sempre capazes de encontrar os livros bons, de lhes estender a mão, de saber o lugar deles. Como se eles nos dissessem: «Sou eu, estou aqui.»

48. ALEXANDRA LUCAS COELHO

“Tenho a sensação de que ando a negociar com a morte”

Público/Pública,
29 de Outubro, 2006, pp. 44-54

Diz de si próprio que está cada vez mais autista, mas acaba por falar do Iraque e de Israel. De elogiar Sócrates, Cavaco, Soares, Ribeiro e Castro. Acha que é óbvio que o Governo é corajoso e os sindicatos são primários. De resto, não tem tempo para o mundo. Acaba de publicar “Ontem não te Vi em Babilónia”. Tem outro livro pronto. E começou a escrever outro, à volta de um autista.

Ainda não é desta que pode morrer (na última entrevista ao PÚBLICO tinha dito que já podia morrer). Deram-lhe uma coisa, é o que ele acha. É o emissário de um rei desconhecido, como no soneto de Pessoa (que, aliás, não é um escritor dos seus). Por isso, ao fim de um mês sem escrever sente-se infiel. Não só ninguém escreve como ele (repete ele, e é verdade), como escreve “cada vez melhor”.

A arrogância é um luxo a que António Lobo Antunes se pode dar, como poucos. E dá, com um quê de quem sobretudo se diverte a ver a cara dos outros.

Ainda escreve cada vez melhor, podia ele acrescentar. É a cada livro que estende o limite. Não vê muitos para a frente e tem horror à decadência.

Entre o dia em que esta entrevista aconteceu (segunda-feira) e hoje, aconteceram, pelo menos, a sessão de lançamento do novo livro, “Ontem não te Vi em Babilónia”, com José Eduardo Agualusa e Ricardo Araújo Pereira, a publicação de uma entrevista e a transmissão de outra.